

# O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DOS ALUNOS COM ESPECTRO AUTISTA NA ESCOLA DE ENSINO REGULAR

**REIS FERREIRA, Ariadne Kerolen<sup>1</sup>**

Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva – FAIT

**GALVÃO ALBUQUERQUE, Luciana Georgetti<sup>2</sup>**

Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva – FAIT

## RESUMO

Esse artigo tem por finalidade investigar a inserção e aprendizagem do aluno com espectro autista no ensino regular. A educação especial inclusiva enfatiza a importância em se adequar o ambiente escolar além de recursos e estratégias que possam promover a aprendizagem e inclusão efetiva dos alunos com TEA. A pesquisa tem como objetivo analisar a prática docente acerca das metodologias utilizada com esse alunado, assim como verificar se o meio escolar este preparado para receber os alunos com espectro autista e promover uma educação inclusiva de qualidade.

**Palavras chave:** Professor, Educação inclusiva, Espectro Autista.

## ABSTRACT

This article aims to investigate the insertion and learning of students with autism spectrum in regular education. Inclusive special education emphasizes the importance of adapting the school environment in addition to resources and strategies that can promote the learning and effective inclusion of students with ASD. The research aims to analyze the teaching practice about the methodologies used with this student, as well as to verify if the school environment is prepared to receive students with autism spectrum and promote an inclusive quality education.

**Keywords:** Teacher, Inclusive Education, Autistic Spectrum.

## 1. INTRODUÇÃO

A política Nacional da educação especial na perspectiva da educação inclusiva assegura o acesso ao ensino regular a alunos com deficiência intelectual, física, auditiva, visual, transtornos globais do desenvolvimento e alunos com altas habilidades/superdotação. Com isso, essa política vislumbra a construção de uma sociedade mais acolhedora e uma

---

<sup>1</sup>Acadêmico do Curso de Pedagogia do 4º ano – FAIT. E-mail: kerolenariadne@gmail.com

<sup>2</sup>Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional – Professora na área de Pedagogia na FAIT. E-mail: lugeorgetti@bol.com.br.

prática da inclusão de todos os alunos nas escolas de ensino regular, independente de seu talento, deficiência, origem socioeconômica ou cultural.

O aluno com deficiência tem direito de frequentar o ensino regular e a escola por sua vez, deve modificar as condutas excludentes e a ideia de que não são capazes de estudar, conviver e aprender com os demais alunos. Para que isso aconteça, a equipe escolar precisa ter formação continuada além de condutas acolhedoras que possibilitem uma inclusão efetiva.

Cunha (2015, p.69), afirma que “Incluir é muito mais que inserir”. Além de tudo, é preciso dar condições de permanência e possibilidade de desenvolver a aprendizagem, adequando e ampliando as suas possibilidades. Diante disso, o professor tem um papel fundamental, deve buscar recursos e estratégias que favoreçam o desenvolvimento e a aprendizagem dos alunos. Quando nos referimos aos alunos com TEA, isso se torna ainda mais importante, visto que essas crianças apresentam comportamentos peculiares e necessitam de atividades adequadas ao seu funcionamento tanto a nível cognitivo quanto comportamental.

O artigo tem como objetivo investigar de que forma ocorre a inclusão dos alunos com transtorno espectro autista, e sugerir metodologias que possam contribuir para uma inclusão escolar efetiva que favoreça a integração social e o desenvolvimento de potencialidades.

Cabe ressaltar que a instituição escolar tem como função atender aos alunos em suas múltiplas especificidades e singularidades. Toda a equipe escolar deve estar apta para atuar com os alunos com transtornos do espectro autista a fim de que estes possam se desenvolver nos aspectos: físico, afetivo, cognitivo e social (CUNHA,2014).

## **2. BREVE INTRODUÇÃO SOBRE O TERMO ESPECTRO AUTISTA (TEA)**

Tratar sobre o transtorno do espectro autista ainda é algo muito novo, embora já venha sendo abordado e estudado há muito tempo. O termo autismo foi utilizado pela primeira vez em 1911, por Eugen Bleuler, um psiquiatra Suíço que destacava em seus estudos a Esquizofrenia e as características sobre o autismo.

Segundo Cunha (2015) o termo autismo só começa a ganhar força em meados de 1943, por meio do psiquiatra Leo Kanner, que buscava conclusões ou hipóteses sobre o espectro autista.

Segundo Schmidt (2017 apud; Santos e Vieira 2013, p.13) o “TEA é definido como um distúrbio do desenvolvimento neurológico que deve estar presente desde a infância, apresentando déficit nas dimensões sócio comunicativa e comportamental. O TEA se

caracteriza pelo desenvolvimento acentuadamente atípico na interação social e na comunicação, bem como pela presença de um repertório comportamental restrito de atividades e interesse”.

Os comprometimentos nessas áreas estão presentes antes dos três anos de idade. Existem variações nos sintomas e comportamentos, alguns apresentam sintomas leves e, outros, de forma severa, sendo descritos três níveis de severidade: Nível 1 necessidade de apoio; Nível 2 necessidades de apoio substancial; Nível 3 necessidades de apoio muito substancial. (APA, 2013).

## 2.1. Características do TEA

O TEA é um transtorno que compromete o desenvolvimento de uma criança causando prejuízos significativos no comportamento adaptativo, dificultando o desenvolvimento de habilidades de vida diária, socialização e comunicação.

Conforme os critérios do DSM V (APA, 2013) os indivíduos com transtorno do espectro autista apresentam prejuízos persistentes na comunicação e interação social em diversos contextos, como déficits na reciprocidade socioemocional, dificuldade para iniciar ou responder as interações sociais; déficits nos comportamentos cognitivos, anormalidade no contato social, déficit na compreensão e no uso de gestos, ausência de expressões faciais; déficits para desenvolver, manter e compreender relacionamentos, incluindo dificuldades em compartilhar brincadeiras imaginativas, fazer amigos e ausência de interesse por pares; padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades.

A compreensão das características e dos sintomas TEA favorece o entendimento de suas necessidades e a importância de inseri-lo num contexto escolar com adequações metodológicas que possibilitem o seu desenvolvimento nos múltiplos aspectos.

## 2.2. Aprendizagem dos Alunos com Espectro Autista na Escola de Ensino Regular

Quando se trata do assunto espectro autista, muitos profissionais da área da educação se prendem em costumes antigos de aprendizagem, trazendo para sala de aula um modelo de ensino que muitas vezes não consegue abranger a todos os alunos. Os alunos com espectro autista, variantes de uma necessidade especial, necessitam ser incluídos em sala de aula de ensino regular. É de suma importância o desenvolvimento de didáticas em que a equipe escolar juntamente com o sistema de ensino da escola atue de forma a promover uma

educação significativa das inteligências do aluno, através da imitação, motricidade, linguagem e socialização. É necessário estabelecer objetivos que possam estimular o desenvolvimento e a aprendizagem e contribuir para a total integração na sociedade (BARROCO, 2004).

Pode se considerar como primordial um dos objetivos da escola, especialmente nos primeiros anos da vida escolar, promover a socialização das crianças, tendo em vista o momento em que elas começam a se socializar de maneira direta através de brincadeiras e ações cotidianas. A escola é um espaço fundamental para as crianças autistas, pois é um espaço de interação social. Porém deve se atentar aos sinais que essas crianças dão desde os primeiros contatos, tanto com outros alunos quanto com a equipe escolar, deve se oportunizar momentos que possam promover a socialização e a construção de relações afetivas. (CUNHA, 2015).

Assim como traz Silva (2012, p. 74) “a vida escolar é especial e todos têm o direito de vivenciar essa experiência, afinal, é na instituição de ensino que se aprende a conviver em grupo, a se socializar, trabalhar em equipe, conviver com as diferenças sendo os primeiros passos rumo a vida adulta”. As ações pedagógicas desenvolvidas por professores para a inclusão de crianças com TEA no ensino regular evidenciou que o professor elabora as estratégias que beneficiam a aprendizagem do aluno incluído a partir da relação que tem com os mesmos, escolhendo estratégias de ensino que visem à participação e interação dos alunos.

Bosa (2007) discutiu sobre a prática profissional de duas professoras e suas crianças com TEA em classes de educação infantil. Concluíram que em crianças pequenas as prioridades devem ser a fala, a linguagem e a interação social, pois são consideradas ferramentas importantes para a promoção da inclusão da criança com TEA no ambiente escolar. Podemos entender que para acontecer a inclusão de fato, os sistemas de ensino devem preparar as escolas e capacitar os professores e funcionários, para que os mesmos compreendam a singularidade de cada criança e aprendam a conviver, respeitar e principalmente oferecer a mesma qualidade de ensino a todos, com as mesmas condições de desenvolvimento.

De acordo com Lopez (2011, p. 16) “Professores, orientadores, supervisores, direção escolar, demais funcionários, famílias e alunos precisam estar conscientes da singularidade dos os estudantes e suas demandas específicas”.

### 2.3. A Importância da Escola Como um Meio de Socialização Espectro Autista (TEA)

A educação inclusiva deve superar qualquer forma de discriminação e atender o aluno em sua necessidade, de modo a garantir-lhe acesso e permanência com qualidade na rede regular de ensino. Deve considerar que o processo de inclusão pode levar anos para se efetivar, visto que demanda uma reorganização da escola e da sociedade como um todo. (LOPEZ, 2011).

A fim de buscar uma educação inclusiva de qualidade e erradicar qualquer tipo de segregação no meio pedagógico, surge a necessidade em se adequar um novo modelo de instituição de ensino e adotar novas estratégias e recursos que oportunizem aos alunos com TEA um desenvolvimento nos aspectos cognitivos, afetivos e sociais.

A educação, de um modo geral, tende a oferecer meios de acesso e de mudança social mediante práticas educativas de sistematização dos conhecimentos socialmente acumulados pela humanidade (SILVEIRA, NADER & DIAS, 2007).

Para ocorrer uma pedagogia inclusiva, é de suma importância que a escola seja um ambiente social. Ao enfatizar a socialização, a escola induz a criança a se comunicar e principalmente consegue ser um meio de transformação, contribuindo para um ambiente sem segregação trazendo novas didáticas, novos currículos, novos professores e ainda buscando uma nova maneira de ensinar.

A socialização é considerada o alicerce do desenvolvimento, essa primeira interação social que acontece logo ao nascer é classificada como primária. A socialização primária é, quase sempre, tarefa primordial da família, enquanto que a socialização secundária é tarefa da escola e demais instituições relacionadas ao mundo do trabalho (GOMES, 1994).

Mazzotta (1999) ao ressaltar a necessidade de inclusão, destacamos a importância do envolvimento socioeducativo entre professores, corpo escolar e pais. Todos devem ser aliados dentro do ambiente de aprendizagem, contribuindo e auxiliando em todos os aspectos relevantes à socialização da criança, além de auxiliar na solução de problemas emocionais vinculados a família trazida para dentro da escola. A forma de condução dentro e fora de sala de aula associado a um professor socializador que busca a formação continuada contribuirá significativamente para a socialização e desenvolvimento do aluno com TEA.

#### 2.4. Formação de Professores para a Inserção do Aluno com Espectro Autista na Escola de Ensino Regular.

O primeiro curso regular de formação de professores para a Educação Especial ocorreu em 1955. A tendência educacional caracterizava os cursos de especialização apenas

para deficientes físicos e mentais. A necessidade de se ter professores de educação especial a fins socioeducativos e inclusivos teve sua virada nos anos 70, onde os cursos de Pedagogia passam a oferecer a formação em Educação Especial (MAZZOTTA, 1999).

Segundo Goés (2002), o corpo escolar tem um papel fundamental na formação da criança, mas em específico, o professor que tem como principal desafio construir e adaptar metodologias capazes de atender e incluir os alunos com características singulares de aprendizagem.

É necessário eliminar as barreiras da formação tradicional, na qual o professor é movido a ver o estudante sem suas peculiaridades, tendo como desafio a internalização de práticas pedagógicas inclusivas na formação de professores para a educação especial na perspectiva da educação inclusiva. (MAZZOTTA, 1999).

Ao se deparar com esse tema busca-se compreender se há uma formação assertiva de pedagogos capazes de despir-se de todo e qualquer receio de encarar o novo, buscando uma ciência nova para que juntamente com o corpo escolar, pais e especialistas possam traçar uma nova meta, um novo rumo na concretização da educação inclusiva de qualidade. (GOÉS 2002),

Torna-se essencial que os professores tenham domínio no que diz respeito aos conhecimentos pedagógicos, pois assim, poderão desenvolver suas atividades de ensinar, planejar e avaliar o ensino para seus alunos. Tais estratégias educativas devem ser direcionadas para o desenvolvimento da aprendizagem de crianças com Transtorno do Espectro Autista. Para que a inclusão ocorra de fato, o professor deve buscar a formação continuada que enfatize métodos e estratégias que favoreçam a socialização, a comunicação, a reciprocidade socioemocional bem como o seu desenvolvimento cognitivo. (MANTOAN, 2006).

Uma das estratégias de ensino que deve ser utilizada com os alunos com transtorno do espectro autista é o método TEACCH (Treatment and Education of Autistic and Related Communication Handicapped Children). Segundo Silveira (2019), o método consiste em um sistema de instrução com base visual, estruturado para melhorar o aprendizado, a linguagem e minimizar comportamentos inapropriados.

Através do TEACCH o professor organiza a rotina do aluno utilizando imagens, aumentando o grau de previsibilidade das atividades diárias o que facilita a organização, a aprendizagem e estabilização emocional do aluno com TEA.

Além do método TEACCH, existem outros como ABA (Análise Aplicada do Comportamento), o PECS (Sistema de Comunicação por troca de figuras) Son Rise entre outros.

Entretanto, na prática do dia a dia é possível perceber a falta de conhecimento desses métodos no processo de inclusão dos alunos com autismo. Infelizmente os professores não tem habilidade para efetivar essas práticas e o próprio sistema de ensino não disponibiliza uma formação continuada embasada nessas metodologias. A educação especial na perspectiva da educação inclusiva caminha a passos lentos, as políticas públicas que existentes não contemplam a especificidade desse trabalho, nem tão pouco valorizam essa formação. Percebemos que as leis que fundamentam a educação especial no Brasil é uma das melhores do mundo, porém a efetivação do que nela consta está muito distante de acontecer. (SILVEIRA, 2019)

Portanto cabe ao professor se dedicar a uma formação adequada se envolvendo no processo de mudança aderindo a uma nova perspectiva apesar de um processo inclusivo que ainda caminha em passos lentos.

Ressaltamos que o aluno com TEA necessita de uma perspectiva de vida além de apenas uma segregação de conteúdos, que os colocam na condição de vítimas de um sistema educacional. Tais mudanças, visando à formação de professores para atuar na educação inclusiva, contribuem expressivamente para que as transformações nas escolas aconteçam de fato e a educação inclusiva ocorra de forma efetiva para todos.

Segundo Mantoan (2006) uma pedagogia que possa trazer inclusão, é a mesma que é voltada ao aluno buscando sua formação plena em uma sociedade que respeite a dignidade e as diferenças humanas. Tal responsabilidade cabe aos profissionais da pedagogia que atuam no campo da definição de políticas educacionais inclusivas.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao investigar sobre o tema pode-se concluir a necessidade de preparar os professores, para enfrentar a realidade existente nas escolas de ensino regular.

A inclusão é um processo lento e vem ocorrendo de forma inadequada. Cabe ressaltar a importância de uma formação continuada que enfatize aspectos específicos da educação especial. O professor precisa ser instigado a procurar conhecimentos que possam favorecer

tanto o seu desenvolvimento profissional quanto adequar estratégias para o ensino dos alunos com transtorno do espectro autista.

Atualmente existem diversos métodos disponíveis para se trabalhar o aluno com TEA, porém nem todos os professores tem acesso a esse conhecimento e o próprio sistema de ensino na maioria das vezes não investe na formação continuada que enfatize os conhecimentos da educação especial e especificamente nos alunos com autismo.

A formação continuada deve ser ofertada através de cursos de extensão, aperfeiçoamento ou especialização na educação especial com base na perspectiva inclusiva. Ao oportunizar essa formação continuada toda a rede de ensino terá a oportunidade de aprofundar os conhecimentos, romper com paradigmas e atualizar suas práticas contribuindo com o processo de aprendizagem do aluno com TEA além de auxiliar na construção de uma educação inclusiva efetiva e de qualidade.

Podemos concluir que a educação especial deve ser plena, sem restrições e generalizações, provando que a educação de qualidade não é só para classes consideradas “normais”, mas sim para todos, independentemente de qualquer fator. A inclusão deve fazer parte de uma sociedade mais humana que contemple a beleza que há na diversidade.

#### 4. REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais – DSM-5**. 5. ed. Washington, 2013.

BARROCO, S. M. S; FACCI, M. G. D. **Implicações da Psicologia Histórico-Cultural para a Educação Especial: aprendizagem que movimenta o desenvolvimento**. In: Proposta Curricular para a Educação Especial Norteadores Teóricos. Sarandi: Prefeitura Municipal, 2004. Disponível em:  
[http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes\\_pde/2016/2016\\_artigo\\_edespecial\\_uem\\_adrianohidalgofernandes.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_edespecial_uem_adrianohidalgofernandes.pdf). Acesso em: 10 jun. 2020.

BOSA, C. Autismo: **Intervenções psicoeducacionais**. *Revista Brasileira de Psiquiatria*. São Paulo. v.28, n.1, p. S47-S43. 2007. Disponível em:  
<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/20285>. Acesso em: 10 jun. 2020.

CUNHA, E. **Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família**. 5.ed. Rio de Janeiro: Wak Ed.,2014.

CUNHA, Eugenio. **Autismo e inclusão: psicopedagogia práticas educativas na escola e na família**. 6 Ed. Rio de Janeiro: Wak Ed. 2015. 140 p.



GLAT, R.; NOGUEIRA, M. L. L. **Políticas educacionais e a formação de professores para a educação inclusiva no Brasil.** In: Revista Integração. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Especial, ano 14, nº 24, 2002.

GÓES, M. C. R. de. **Relações entre desenvolvimento humano, deficiência e educação: Contribuições da abordagem histórico-cultural.** RBOSA, Denis Borges. Da Tecnologia à Cultura: Ensaio e Estudos de Propriedade Intelectual. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2011. In: M. K. Oliveira, D. T. R. Souza; T. C. Rêgo (Org.) Psicologia, Educação e as Temáticas da Vida Contemporânea. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2002. Disponível em: [http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes\\_pde/2016/2016\\_artigo\\_edespecial\\_uem\\_adrianohidalgofernandes.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_edespecial_uem_adrianohidalgofernandes.pdf) - acesso em: 5 jun. 2020

GOMES, Jerusa Vieira. **Socialização Primária: Tarefa Familiar?** n. 91, p.54-61. São Paulo, nov. 1994.

LOPEZ, J. C. **A formação de professores para a inclusão escolar de estudantes autistas: contribuições psicopedagógicas.** Trabalho final do curso (Especialização em psicopedagogia clínica e institucional) - Universidade de Brasília. Instituto de Psicologia – Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED, Brasília, 2011.

MANTOAN, M. T. E.; PRIETO, R. G.; ARANTES, V. A. **Entre pontos e contrapontos. Parte III.** In: MANTOAN, M. T. E.; PRIETO, R. G.; ARANTES, V. A. (orgs). Inclusão escolar: pontos e contrapontos. São Paulo: Summus, 2006.

MAZZOTTA, M. J. S. **Inclusão escolar e educação especial.** In: V Jornada Curitibana de Educação Infantil e Ensino Fundamental. Curitiba, 1999.

ORRÚ, E. S. **Autismo, linguagem e educação: interação social no cotidiano escolar.** Rio de Janeiro: Wak, 2012.

SCHMIDT, Carlo. **Autismo, educação e transdisciplinaridade.** In: SCHMIDT, C (org) Autismo, educação e transdisciplinaridade. Campinas, SP: Papirus, 2013.

SILVA, A. B. B; GAIATO, M. B; REVELES, L. T. **Mundo singular: entenda o autismo.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. SILVA, G. L. R.; FACCI, M.G.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy; NADER, Alexandre Antonio Gilli & DIAS, Adelaide Alves. **Subsídios para a Elaboração das Diretrizes Gerais da Educação em Direitos Humanos – versão preliminar.** João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2007.

SILVEIRA, A. R; 2019. **Crianças com Autismo no Processo de Inclusão: Comunicação Alternativa e Método TEACCH.** Psicologado. 2019. Disponível em <https://psicologado.com.br/psicopatologia/transtorno-psiquico/criancas-com-autismo-no-processo-de-inclusao-comunicacao-alternativa-e-modelo-teacch>. Acesso em 19 de set 2020.

TAMANHAHA, Ana Carina. **Uma breve revisão histórica sobre a construção dos conceitos do Autismo Infantil e da síndrome Asperger.** Departamento de Fonoaudiologia da Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP – São Paulo (SP), Brasil. 2008.